

Loucura em estado puro

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Por maior que seja a tentação, é inútil forçar semelhanças entre os trabalhos do calibrado cineasta e o do iniciante diretor de teatro. O clima tenso e o nervosismo confesso do elenco, perdoáveis numa estréia tão aguardada como aquela de anteontem, que lotou o modular teatro paulistano Mars, colidiram com uma frase dita na véspera pelo diretor Hector Babenco: "teatro e cinema são diametralmente opostos. O teatro não se vale da mecanicidade técnica para flagrar, desdobrar, ou manipular uma emoção. É arte em estado puro".

Mas mesmo sem as características de produto acabado e apesar da contornável nervosidade dos atores no palco, a peça **Louco de amor** (*Fool for love*), do norte-americano Sam Shepard, até então inédito do Brasil, deu sinais de que vai decolar. Há nela o mesmo esmero e virtuosismo impressos por Babenco em filmes como **Pixote**, **O beijo da mulher aranha** e **Lúcio Flávio**. O mesmo fascínio do diretor por personagens à margem da sociedade. O que não significa que as coincidências prestem-se a paralelos entre palco e película: são antes as propriedades do indivíduo Hector Babenco.

Louco de amor é uma das quarenta peças escritas pelo versatilíssimo ator e dramaturgo americano que também já mergulhou na literatura *beat*, escreveu o roteiro do filme **Paris Texas**, e compôs canções experimentadas até pelo astro Bob Dylan. Deu um trabalho danado a Babenco, que só conseguiu autorização para montar esse texto no Brasil graças a interferência de Willian Kennedy, autor do romance **Ironweed** (última direção de Babenco e que deve estreiar em breve nos cinemas nacionais com o título **Veronita**). Shepard tinha nosso país como péssimo pagador de direitos autorais. Através de Kennedy, o diretor estreante garantiu a ele que o pagamento seria feito pessoalmente aos Estados Unidos. E assim foi eliminado o principal obstáculo da sua estréia em teatro, cuja maior responsável, aliás, é a sua mulher, a atriz Xuxa Lopes, que fez a sua cabeça e lhe sugeriu o texto.

A peça de Shepard conta a história de dois irmãos muito rudes, muito apaixonados, que se reecontram num quarto de motel de baixa categoria, um ponto perdido na fronteira do deserto de Mojave, na Califórnia, costa oeste dos Estados Unidos. Um quarto que emoldura uma tela hiper-realista, tridimensional, onde as emoções são intensificadas ao máximo e os seus moradores promovem um duelo doloroso, tenso, num tempo parede-meia com o sonho. Predestinados pelo próprio autor, que nunca pretendeu resolver os problemas de seus personagens, May (Xuxa Lopes) e o cowboy Eddie (Edson Celulari), filhos de mães diferentes, travam uma agoniada e ininterrupta batalha verbal, tornando-se reféns do próprio absurdo. Participa desse jogo de culpas o Velho (Linneu Dias), pai de ambos, alguém que aos poucos vai abandonando a candura imóvel dos retratos envelhecidos para começar a se desfigurar-se com a tragédia. Um "fantasma" cujos contornos vão se tornando tremendamente nítidos, vivos. Cai ainda de para-quedas nesse ambiente árido, hostil, o caipira Martin (Antônio Calloni), que compartilha com o espectador da mesma sensação de perplexidade, embora com menos pistas que a platéia para compreender o que está acontecendo a seu redor.

A direção de arte de Marcos Flaksman e a impecável iluminação de Maneco Quinderé são responsáveis por pontos altos do espetáculo, fazendo o cenário irradiar, sem apenas circunscrever-se a moldura — sai dela, prolonga o quadro até a atmosfera que envolve o espectador. Xuxa Lopes incorpora a sua confusa May com fôlego genial, uma ânsia e agonia estonteantes. Linneu Dias transforma seu personagem-fantasma, em talvez o ente mais verdadeiro de toda a trama, uma nota realmente rara para a partitura de Shepard, um achado. A montagem é virtuosa, competente, e com tempo poderá vir a explodir como as luzes dos carros que incendeiaram o deserto. "Eu já calcei uma bota do meu Eddie, falta ainda a outra", admitiu Edson Celulari. "Daqui a um mês acho que estarei andando com as duas", disse no final da peça. Já Babenco não quis falar muito, estava nervoso. Na véspera da estréia, prometera ficar no bar ao lado do Teatro Mars jogando sinuca. Não resistiu, porém. Na hora optou mesmo por **Louco de amor**. "Estréia para mim, mesmo em cinema, é sempre um sofrimento.

27/1/88 — Carla Fio



Hector Babenco, diretor de Louco de amor, sua estréia no teatro em São Paulo, descobriu a emoção do palco

09.07-1988 SABYDO